

## A descoberta literária dos buracos negros

DOMENICO SCARPA (CENTRO INTERNAZIONALE DI STUDIO PRIMO LEVI/TORINO)

Traduzido do italiano por Pedro Spinola Pereira Caldas

### RESUMO

#### A DESCOBERTA LITERÁRIA DOS BURACOS NEGROS

Este ensaio é um extrato do livro *Calvino fa la Conchiglia: A construção de um escritor* (Calvino faz a concha: A construção de um escritor). A concha faz referência ao conto *A espiral*, situado precisamente no meio dessa trajetória na qual Calvino se construiu como escritor. De tom autobiográfico, o conto recupera temas científicos e cosmiômicos caros a Italo Calvino.

Esses mesmos temas se encontram nos paralelos traçados entre as vidas de Calvino e Primo Levi. A descoberta dos buracos negros não poderia deixar de passar despercebida a essas duas mentes interessadas em ciência e literatura, em refletir sobre a solidão e o universo, e, sobretudo, em tentar ver como a escrita poderia dar formas, ainda que provisórias e limitadas, a processos de criação e destruição.

### PALAVRAS-CHAVE

Italo Calvino – Primo Levi – Buracos negros  
– Cosmiômicas.

### ABSTRACT

#### THE LITERARY DISCOVERY OF BLACK HOLES

The present essay is an extract from the book *Calvino fa la Conchiglia: la costruzione di uno scrittore* (“Calvino makes the Shell: the construction of a writer”). The “Shell” is a reference to the short story “The spiral”, which stands precisely halfway in this trajectory in which Calvino has built himself as a writer. On an autobiographical note, the narrative resumes scientific and cosmicomic themes which are dear to Italo Calvino.

The same themes can be pointed in the parallel elements between the lives of Calvino and Primo Levi. The discovery of black holes could not pass by unnoticed by these two minds genuinely interested in science and literature, as well as in reflecting on solitude and the universe and, above all, in trying to figure out how the writing-craft could give shape, however much in provisional and limited ways, to creation and destruction processes.

### KEYWORDS

Italo Calvino – Primo Levi – Black holes  
– Cosmicomics.

## A descoberta literária dos buracos negros

DOMENICO SCARPA (CENTRO INTERNAZIONALE DI STUDIO PRIMO LEVI/TORINO)

### Premissa

O ensaio *A descoberta literária dos buracos negros* tem origem em um precedente sobre o qual me parece ser útil falar porque tem a ver com a forma, os conteúdos e a entonação do texto que apresento aqui.

O precedente é o meu livro *Calvino fa la conchiglia. La costruzione di uno scrittore* [*Calvino faz a concha. A construção de um escritor*]<sup>1</sup>, publicado pela editora Hoepli na primavera de 2023. Eu o considero um protótipo, pois me parece que uma estrutura como essa não havia sido testada até agora na editora. Mais concretamente, eu o defino como sendo um livro “de técnica mista”, pois alterna capítulos que chamei respectivamente de “capítulos-anuário” e “capítulos-ensaio”. Essa *Conchiglia*<sup>2</sup> é, em suma, uma obra ensaística que possui as características do ensaio crítico (não somente de crítica literária: fala-se de ciência, de artes figurativas, de música, de economia, de antropologia, e de muitas outras coisas), da biografia intelectual (os fatos úteis para ler as obras, descartando pedantismo e fofocas) e do livro de história (propriamente da História com “agá” maiúsculo), mas sem se esgotar em nenhum dos três e tentando, na verdade, fundi-los em um conjunto.

As duas espécies de capítulos que se alternam no livro são a consequência desse risco em termos de estrutura e de formas. Os capítulos-anuários são o tecido conjuntivo, a linha cardeal do livro, narram Calvino por intervalos de tempo, como, por exemplo, a sua participação na Resistência entre setembro de 1943 e abril de 1945, ou a sua viagem nos EUA com a qual atravessou o limiar dos anos sessenta. Mas deve ser dito prontamente que a distinção entre capítulos-anuários e capítulos-ensaios vale, sobretudo, por uma questão de clareza expositiva. Os anuários transcorrem de um ponto A para um ponto B com o andamento de uma crônica, enquanto os capítulos ensaios são, por sua vez, histórias entrelaçadas: em geral partem de um ponto apenas mencionado em um capítulo-anuário, e a

1. Inédito no Brasil (N. do T.).

2. Será mantido o título em italiano, posto que o livro não está traduzido no Brasil. (N. T.)

partir dali podem andar para cima e para baixo no curso do tempo, inclusive por várias vezes, e podem alargar ou restringir o objetivo ao enquadrar momentos históricos, conjunturas políticas, reagrupamentos literários, diálogos intelectuais. Os capítulos-ensaio podem abordar um livro de Calvino, ou um tema de sua obra, ou os seus encontros, confrontações e também desencontros, pois interlocutores aos quais precisou reagir não lhe faltaram. Era só escolher. Uma série de capítulos é dedicada, com o título *Do alto dos anos*, à paisagem de Calvino: e é uma história em episódios sobre uma única paisagem-arquetípica, a da Riviera di Ponente, na Ligúria.

*Calvino fa la conchiglia* nasceu muito grande, com mais de oitocentas páginas impressas equivalentes a mais de mil folhas com dois mil toques. Por isso, levando em consideração as suas dimensões e a sua estrutura de composição, tentei fazê-lo de modo que as leitoras e os leitores não esmorecessem, que cada qual ao abri-lo em um ponto aleatório soubesse imediatamente onde se encontrava, e em meio a qual turbulência histórica: as informações necessárias encontram-se todas no corpo do texto, que é (propositadamente) privado de notas, e de remissão a notas. As notas – de caráter puramente bibliográfico – se encontram no final do volume e estão indicadas a partir das primeiras palavras de uma citação do trecho que oferece uma informação particular. Aqui, porém, por uma questão de uniformidade com os outros textos, há os indicadores de notas, e as notas se encontram no pé da página<sup>3</sup>.

Sempre em benefício de quem lê, *Conchiglia* está equipado de um *Índice de nomes* e de um *Índice dos textos de Calvino*: posto que se pode falar de um texto qualquer de Calvino nos momentos e nas chaves mais diversas, quem assim o desejar encontrará nesse índice todas as páginas nas quais se fala de *O visconde partido ao meio* ou da entrevista impossível *O homem de Neandertal* ou do ensaio *Mundo escrito e mundo não escrito*, ou do seu colóquio de 1978 com Daniele del Giudice. Outro aparato útil é o *Mapa bibliográfico* atualizado que faz o censo de dezenas e dezenas de textos, entrevistas e trocas epistolares de Calvino não reunidos em volumes e, em vários casos, não registrados até hoje em nenhuma bibliografia. Um último presente para quem lê consiste em dois enxertos coloridos, fora do corpo do texto, intitulados respectivamente *Biografia minima per immagini* [*Bibliografia mínima por imagens*] e *Complicità grafiche* [*Cumplicidades gráficas*]: esses também podem ser lidos como se fossem contos, conduzidos por meio de figuras e legendas.

A minha ambição, em suma, seria a de fazer um livro que se pode abrir em um capítulo e até mesmo em uma página qualquer, orientando-se imediatamente e sentindo-se inclinado a seguir adiante: um livro de *acompanhamento de Calvino*. Foi isso o que tentei fazer.

E a propósito do verbo *fazer*, me resta dizer qualquer coisa sobre o título e o subtítulo do livro e sobre o texto que aqui estou oferecendo. As palavras “Calvino faz

.....  
3. A tradução do texto procurou adaptar as notas do original às normas de publicação do periódico.

a concha” são a síntese de um conto de Calvino e compõe uma frase onde há um sujeito, um predicado e um complemento verbal: o sobrenome de uma pessoa, o verbo de ação mais simples de todos, e uma forma natural e complicada para quem a faz, bela e elegante para quem a vê. Calvino escreveu *A espiral* em 1965, e a colocou na última posição da coletânea *As Cosmicômicas*, porque lhe pareceu um ponto de chegada em sua obra, e desde então não mudaria de ideia. A verdadeira estreia do Calvino escritor ocorreu em 1945, com a guerra acabada há pouco, e a sua morte chegou de forma súbita quarenta anos depois, em 1985. *A espiral* fica exatamente no meio da sua trajetória.

*A espiral* é uma história autobiográfica, mesmo se o eu narrador se chame QfwfQ e se apresente como um molusco dos primórdios atracado à sua rocha. Nas suas quinze páginas (é o seu tamanho na primeira versão publicada pela Einaudi), *A espiral* é um conto sobre a construção de si, tema narrativo constante em Calvino e que me sugeriu o título para o meu livro. As palavras “A construção de um escritor” indicam dois eventos enxertados um no outro. O primeiro diz respeito ao que Calvino andou construindo com os seus livros e o seu trabalho, o segundo faz uma revisão das escolhas, das necessidades e das contingências através das quais construiu – ou aceitou que as circunstâncias as mais diversas construíssem – a sua personalidade pública e escritora.

Os temas científicos e cosmicômicos são centrais também em *A descoberta literária dos buracos negros*, dedicada à dupla Italo Calvino – Primo Levi. É um texto que concebi como sendo um verdadeiro e autêntico destilado de *Calvino fa la conchiglia*, e como tal me daria prazer oferecê-lo à leitura: como um espécime desta forma-livro inovadora e como repensamento e revigoramento dos seus conteúdos. Advirto que *A descoberta literária dos buracos negros* se abre, como todos os capítulos-ensaios da *Conchiglia*, com um breve “tema” ao estilo semissério dos romances clássicos, de Cervantes a Voltaire, e de Swift a Musil. O resto é para ser descoberto, e a mim não resta que desejar-lhes uma boa leitura.

## A descoberta literária dos buracos negros

*Onde o nosso herói e um seu suposto irmão se reencontram, pelas mais variadas conjunções cósmicas, ao estream juntos, a lerem as mesmas coisas, a escrevê-las de maneira não tão diversa, a fazerem e a desfazerem esquemas, a manejarem uma tigela vermelha e a brincarem com um gatinho sabe-se lá de que cor.*

“A Primo Levi, que me precedeu neste caminho”. Com estas palavras Calvino dedica a Levi, em 1965, *As Cosmicômicas*. Ou melhor, é possível que tenham sido essas as palavras, porque a cópia do livro pertencente a Levi está desaparecida e dessa dedicatória se conhece somente (graças ao seu biógrafo Ian Thomson) uma versão em

inglês: “*To Primo Levi, who travelled down this path before me*”<sup>4</sup>.

Creio que as palavras italianas da dedicatória sejam essas mesmas, pois imagino que Calvino tenha jogado de maneira alusiva e afetuosa com a palavra “caminho” (*path*), relembando que ele e Levi haviam estreado juntos. Entre *O caminho dos ninhos de aranha* e o livro “primogênito”<sup>5</sup> *É isto um homem?* há apenas um dia de diferença na data final de impressão: 10 de outubro de 1947 para Calvino pela Einaudi, 11 de outubro para Levi pela De Silva.

Vamos aos conteúdos. É realmente verdade que Levi, químico em uma indústria de vernizes, começou alguns anos antes de Calvino a escrever narrativas de um gênero que mais tarde o próprio Calvino chamará “cosmicômico”. Remonta a 1952 uma primeira elaboração do drama radiofônico *A Bela Adormecida na geladeira*<sup>6</sup>, sobre um caso de hibernação humana em uma Berlim imaginária do século XXII, enquanto sai em 1958 um outro conto cênico para o rádio – *O sexto dia*<sup>7</sup> – concebido desde 1946-1947, enquanto Levi está escrevendo *É isto um homem?*.

Onde no livro sobre Auschwitz se descreve a demolição do homem, em *O sexto*

4. A dedicatória é referida em Thomson (2002, p.319). Nas notas do volume (2002, p. 574) o biógrafo especifica que Levi mostrou-lhe a mesma em 10 de julho de 1986 durante uma entrevista em sua casa em Turim. Agradeço de coração a Renzo Levi por ter procurado o volume de Calvino entre os livros pertencentes ao seu pai. A tentativa de reverter as palavras da dedicatória para o italiano é minha.

5. Essa definição de Primo Levi para *É isto um homem?* está em duas entrevistas: Mladen. *Riječ će preživjeti. Razgovor s Primom Levijem* (“A palavra sobreviverá. Conversa com Primo Levi”), em “Republika” (Zagreb), 1º. de janeiro de 1969, pp. 47-48; depois publicada em Levi (2018, pp. 30-34), mais precisamente na página 32 (a conversa com Machiedo se deu em Turim, em 28 de outubro de 1968); Palladini, Carlo. *A colloquio con Primo Levi* (05 de maio de 1986), in Sorcinelli (1987, p. 148) mais precisamente na página; depois publicada em Levi (2018, pp. 667-81), mais precisamente na página 668.

6. *A Bela Adormecida na geladeira: Conto de inverno* remonta ao ano de 1952 segundo uma declaração feita pelo autor a Gabriel Bettinetti: *La fanta-violenza di Primo Levi*, em “l’Unità”, 13 de janeiro de 1978 (Levi, 2018, pp. 117-18) mais precisamente na página 117. Na forma de drama radiofônico foi gravado pela Companhia de Prosa da Rai de Florença em 16 de junho de 1961, sob a direção de Marco Visconti e transmitido no Terzo Programma della Radio em 06 de novembro de 1961. O texto saiu pela primeira vez impresso em Damiano, Malabaila (pseudônimo de Primo Levi), *Storie naturali*, Turim: Einaudi, 1966, pp. 127-50, depois publicada em Levi (2016a, pp. 567-82)

[Edição brasileira: LEVI, Primo. *A Bela Adormecida na geladeira. 71 contos de Primo Levi*. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 92-106 – N.T.]

Nesta nota se optou por deixar completa a referência da primeira publicação de *Storie naturali* por se tratar de uma obra cuja primeira edição foi lançada sob pseudônimo – N.T.

7. *O sexto dia* sai na revista turinesa “Questioni”, VI, 5-6, setembro-novembro 1958, pp. 14-23. Levi declarou para Edoardo Fadini que a ideação remonta aos anos de 1946-1947 e a elaboração em 1957 (*Primo Levi si sente scrittore “dimezzato” (Primo Levi se sente um escritor partido ao meio)*, em “l’Unità”, 04 de janeiro de 1966, agora em Levi (2018, p.16-18), mais precisamente na p. 16; a versão datilografada conservada no *Archivio storico Giulio Einaudi editore*, no Arquivo do Estado de Turim, série *Corrispondenza*, subsérie *Corrispondenza con autori e collaboratori italiani*, incart. 114, fasc. 1711, *Levi Primo*, remete-se de fato à data de 22 de dezembro de 1957. Também esse conto sai nas *Storie naturali*, (Malabaila, 1966, pp. 199-224), e depois em Levi (2016, pp. 617-32), onde as citações que se seguem provêm das páginas 631 e 632. [Edição brasileira: Levi, P. *O sexto dia. 71 contos de Primo Levi*. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 137-51 – N.T.]

*dia* Levi encena a sua criação, ambientando-a em um espaço extraterreno fora do tempo. O drama radiofônico consiste em um *brain storming* entre os dirigentes e os conselheiros do projeto “Homem”. Estamos na reunião na qual se decidirá a conformação da nova criatura (Anfíbio? Artrópode? Réptil? Sessenta centímetros de comprimento ou vinte metros lineares?) e na qual são ajustados os seus órgãos sensoriais, deliberando, além disso, sobre as dimensões do encéfalo e, portanto, sobre o nível da sua inteligência. Arimane e Ormuz discutem longamente com os seus colaboradores diretos (e litigantes), do administrador ao ministro das águas, do conselheiro termodinâmico ao conselheiro psicólogo. Mas um átimo depois de ter sido finalmente estabelecido que o “Homem” será um pássaro, e um “pássaro pleno, nem pinguim nem avestruz, pássaro voador” (Levi, 2005, p. 150)<sup>8</sup>, surge um mensageiro que, do lado de fora da sala, chama o venerável Arimane. Este retorna ao seu lugar depois de alguns minutos e, com ar irritado, comunica aos presentes a novidade: não são conhecidos os detalhes, mas lhe havia sido há pouco comunicado que, “no alto”, fizeram-no por conta própria, empastando argila com água do rio e do mar. Ao que parece, “Homem” será um “bicho vertical, quase sem pelo, indefeso” (Levi, 2005, p.151).

Calvino lê *O sexto dia* no outono de 1961, quando Levi lho envia com outros escritos narrativos seus para saber dele se o conjunto tem alguma possibilidade de se tornar um livro.

Caro Levi,

Finalmente li os teus contos. Aqueles de ficção científica, ou melhor, de ficção biológica (*fantabiologica*), sempre me atraem. O teu mecanismo fantástico que toma um dado científico-genético como ponto de partida tem um poder de sugestão intelectual e também poética, como têm para mim as divagações genéticas e morfológicas de Jean Rostand. O teu humorismo e a tua elegância te salvam muito bem do perigo de cair em um nível de subliteratura, perigo no qual incorre frequentemente quem se serve de moldes literários para experimentos intelectuais deste tipo. Alguns de teus achados são de primeira ordem, como aquela do assiriologista que decifra o mosaico das ténias; e a evocação das origens dos centauros tem sua própria força poética, uma plausibilidade que se impõe (e, caramba, diria ser impossível escrever sobre centauros hoje em dia, e tu evitaste os pastiches anatole-france-walt-disneyanos).

Naturalmente, te falta ainda a mão segura do escritor que tem uma personalidade estilística completa; como Borges (...) tu te moves em uma dimensão de inteligente divagação nas margens de um panorama cultural-ético-científico que deve ser aquele da Europa na qual vivemos. Talvez os teus contos me agradem, sobretudo, porque pressupõem uma civilização comum que é sensivelmente diversa daquele pressuposta por tanta literatura italiana. (Calvino, 2023a, p. 456-7)

.....

8. Foram utilizadas sempre as traduções das edições brasileiras. N. T.

A respeito do livro, a resposta é um não. Um não provisório, porque Calvino encoraja Levi a prosseguir no caminho anteriormente aberto e que então se oferece como possibilidade aberta também para ele. Nesta leitura editorial de 22 de novembro de 1961, na qual Calvino alude aos contos de Levi *O amigo do homem* e *Quaestio de Centauris*<sup>9</sup>, os pontos notáveis são pelo menos quatro: a definição dos contos como “ficção biológica”, isto é, diferentes dos contos normais de ficção científica; o dado científico como alavanca para o desencadear da fantasia, como será depois nas *Cosmicômicas* (e continuará a ser, também na sequência, um elemento de forte semelhança entre os dois escritores); a “força poética”, e, mais ainda do que isso, a “plausibilidade” das histórias lidas por Calvino; e, por fim, o panorama europeu no qual os experimentos de Levi têm origem e no qual se inserirão com agilidade.

Os contos de Levi saem pela Einaudi somente em 1966, sob o título *Storie naturali* e sob o pseudônimo Damiano Malabaila. Será Calvino a escrever-lhe o texto da quarta capa<sup>10</sup>, e, muito provavelmente, a inventar uma genial cinta publicitária, que, sobre o fundo amarelo vivo, consiste em uma única palavra: “ficção científica?”. A mesma cinta, com a mesma palavra e com o mesmo ponto de interrogação, já poderia ter acompanhado *As Cosmicômicas*.

“Eu me sinto irmão de Calvino, e ele de mim” (Zargani, 2007, p. 27; Levi, 2018, p. 915), dirá depois Levi ao reevocar a coincidência da estreia de ambos em 1947. “Desde então, mesmo nos vendo pouco, percorremos estradas próximas e paralelas”. Em muitas entrevistas, Levi se dirá orgulhoso do fato que Calvino tenha encontrado uma primeira inspiração, ou para ser mais exato, um primeiro modelo para *As Cosmicômicas* em uma brincadeira teológica-científica como o seu *O sexto dia*<sup>11</sup>. A troca de influxos se dá em ambas as direções, e também de Calvino para Levi, e pode resultar até mesmo em uma troca de personagens. Primo Levi queria escrever a todo custo (dirá isso também nas entrevistas) um conto de Qfwfq: nada mais fácil, basta pedir-lhe emprestado ao amigo.

Datável entre 1967 e 1970, *O fabricante de si mesmo* é dedicado “A Italo Calvino” (Levi, 1971, pp. 211-22; 2016a, pp. 811-19). Sai em *Vício de forma*, que é o livro menos feliz de Levi, mas é também o primeiro livro de ficção que traz na capa o seu

9. *O amigo do homem* é publicado em “Il Mondo”, XIV, 3, 16. janeiro. 1962, e depois em *Storie naturali* (Malabaila, 1966, pp. 91-97), e em Levi (2016a, pp. 541-46); *Quaestio de Centauris* é publicado como *Il Centauro Trachi*, em “Il Mondo”, XIII, 14, 04. abril 1961, e depois em *Storie naturali*, (Malabaila, 1966, pp. 11-2), e em Levi (2016a, pp. 593-604) [a edição brasileira de ambos os contos se encontra respectivamente em Levi (2005, pp. 73-76, 116-126) – N.T.].

10. O caso é reconstruído na *Presentazione* da nova edição das *Storie naturali* de Levi, publicadas em ortônimo e editadas por Martina Mengoni e Domenico Scarpa (Levi, 2022, pp. V-XI)

11. Além da entrevista com Zargani citada acima, vê-se, em ordem cronológica: Levi, Leo. *Primo Levi. Sofer ha-Shoa* (Primo Levi, escritor da Shoah), em “Tarbut ve-Sifrut”, suplemento Cultura e Letteratura em “Haaretz” (“Il paese”, Tel Aviv, Israel), 29. Março 1968, depois em Levi (2018, pp. 22-27), mais precisamente p. 26; Mladen Machiedo, *Riječ će preživjeti* (Levi, 2018, p. 33); Viglino, Marco, *Primo Levi, intervista inedita* (aprile 1978), in “la Repubblica”, 18 janeiro 2009, e depois como *Incontro con l'autore* (Levi, 2018, pp. 917-26) mais precisamente na página 925.

nome. Em 1966 a editora lhe havia de fato sugerido adotar um pseudônimo para *Histórias naturais*; parecia arriscado, de um ponto de vista seja moral, seja comercial, apresentar uma coletânea de irônicas histórias de ficção tecnológica e ficção biológica sob o nome do mesmo autor que, com a Einaudi, havia publicado dois livros dedicados ao extermínio dos judeus: em 1963, *A Trégua* se juntou a *É isto um homem?*.

Olhando com calma, também o episódio Malabaila pode ser reinserido nas vidas paralelas Calvino-Levi. Apresentar-se em 1965 com *As Cosmicômicas* tem, de fato, um significado para Calvino assumir uma nova identidade, correndo o risco de não ser reconhecido pelo público. Não é por nada que ele enfrenta também a tentação do pseudônimo: é naquele 1965 que exatamente nasce o alter ego anagramático Tonio Cavilla, que faz a introdução das edições escolásticas de *O barão nas árvores* e *Marcovaldo*.

*O fabricante de si mesmo* é um conto de Qfwfq, a começar da forma do monólogo em primeira pessoa (com uma voz um pouco mais séria e impostada se comparada com o Qfwfq original e com maior insistência sobre os aspectos mais propriamente técnicos da ação, sobretudo os químicos; acertadamente, Levi se aproveita daquilo que sabe bem). O personagem que diz “eu” declara ser, hoje, um homem igual aos ouvintes que têm perante si. Acrescenta, porém, que, diferentemente deles, possui uma memória celular completa da própria existência: conserva a recordação das mutações evolutivas que, no arco do último bilhão de anos, o levaram a se tornar um exemplar da espécie *Homo sapiens*. “Sou o fabricante de mim mesmo, e este é o meu diário” (Levi, 2005, p. 299). A autoconstrução é um princípio importante do texto de Levi: o seu suposto Qfwfq se dirige a nós contando-nos de que modo conduziu e direcionou o seu processo evolutivo. Diferentemente do que ocorre na realidade biológica da evolução, a determiná-la não foram mutações casuais, que na sequência afirmaram a sua supremacia tornando-se necessárias e perpetuando a si mesma. Nada disso. A *biografia* do eu narrador – vale dizer, o seu itinerário biológico – é, em qualquer uma de suas etapas e no resultado final, o fruto de escolhas conscientes.

*O fabricante de si mesmo* conta, de maneira concisa, sete mutações, número perfeito; a primeira, um bilhão de anos atrás (Levi escreve esta cifra com -109), vai do peixe para o anfíbio; a última, um milhão de anos atrás (-106), vai do quadrúmano escalador a um hominídeo em posição ereta. Esta sétima mutação transformou o eu narrador que tem “(...) a impressão de pensar mais com as mãos do que com o cérebro” (Levi, 2005, p. 304), que fabrica utensílios de invenção própria e que logo começa a guerrear contra os seus semelhantes: “Mas aqui este diário pode terminar. Com estas minhas últimas transformações e invenções, a maior parte já está completa: desde então, nada de essencial me aconteceu – e nem penso que me acontecerá no futuro” (Levi, 2005, p. 305).

A este ponto, porém, pode começar a verdadeira e própria história dos buracos negros: a história de uma descoberta astrofísica que aqui na Itália vira rapidamente matéria de poesia e de narrativa – de poesia-especulativa (poesia-ragionamento) e de narrativa-especulativa (racconto-ragionamento) – e assim se tornou por causa dos

irmãos putativos Primo Levi e Italo Calvino (nesta ordem cronológica). E é uma descoberta que deve começar com duas referências bibliográficas:

Roger Penrose, *Black Holes*, in “Scientific American”, vol. 226, n. 5, maio 1972, pp. 38-46; tradução italiana: *I “buchi neri”*, in “Le Scienze”, a. V, n. 48, agosto 1972, pp. 28-37.

Kip S. Thorne, *The Search for Black Holes*, in “Scientific American”, vol. 231, n. 6, dezembro 1974, pp. 32-43; tradução italiana: *La ricerca dei buchi neri*, in “Le Scienze”, a. VIII, n. 80, abril 1975, pp. 8-19.

Seja para Primo Levi, seja para Italo Calvino, estes dois artigos publicados na mais destacada revista de divulgação científica de nível internacional são as primeiras e maiores fontes de informações sobre os buracos negros, aquelas sobre os quais se trabalhará no campo literário. Os dados bibliográficos estão tanto em inglês como em italiano porque Levi lê os dois artigos na “Scientific American”, enquanto Calvino o lê na edição italiana “Le Scienze”. E vale a pena acrescentar que tanto Penrose como Thorne remetem-se aos experimentos e às reflexões sobre os *black holes* de um cientista que atingirá uma fama mundial: Stephen Hawking.

Come já foi dito, Levi é mais veloz ao reagir: data de 30 de novembro de 1974 a sua poesia *Estrelas negras* (Levi, 1975, p. 59)<sup>12</sup>.

*Ninguém mais cante o amor ou a guerra.*

*Sejam celebrados ao invés os engenheiros do céu,*

*Mensageiros de morte severos e maravilhosos.*

*Seja repetido o seu impiedoso relatório:*

*A ordem de onde o cosmo ganhava o nome se desfez;*

*As legiões celestes são um emaranhado de monstros,*

*O universo nos assedia cego, violento e estranho.*

*O sereno está salpicado de horrendos sóis mortos,*

*Densos sedimentos de átomos triturados.*

*Deles emana apenas um desesperado peso,*

*Não energia, não mensagens, não partículas, não luz;*

*A própria luz desaba, rompida por sua gravidade,*

*E nós, germe humano, vivemos e morremos para nada,*

*E os céus se revolvem perpetuamente em vão.*

*30 de novembro 1974*

.....

12. Depois, com variações, em Levi (1984a, p. 36); depois, nesta nova versão, em Levi (2016b, p. 706). [A tradução para o português, de autoria de Maurício Santana Dias, foi feita da versão que não inclui os versos 2-4, e pode ser lida em Levi (2019, p. 57). Os versos 2-4 foram livremente vertidos para o português pelo tradutor deste ensaio – N.T.]

Mais tarde Levi eliminará os versos 2-4, que mencionam os “engenheiros do céu”, estes “mensageiros de morte severos e maravilhosos” – Penrose, Thorne, Hawking – aos quais Calvino e ele mesmo devem a notícia dos *black holes*, a inspiração suscitada pelo “impiedoso relatório” deles e, portanto, da sua descoberta literária. Levi não é um grande poeta lírico, mas é um poeta didascálico eficaz. A sua escritura está confiada em palavras como “envolvem”, adotadas com a força do significado etimológico – céus que se dobram sobre si mesmos – e, para mantermo-nos no latim, a fontes aqui deixadas implícitas, como Lucrecio, ou talvez dissimuladas: como aquela luz que “cai, tombada pelo próprio peso”, cuja origem se encontra na carta com a qual Plínio, o Jovem, descreve a Tácito a morte do seu tio Plínio, o Velho, na erupção de Pompeia em 79 d.C: “vencida pelo próprio peso”, “*pondere suo uicta*”, é a nuvem em forma de tronco de pinheiro que sai da cratera do Vesúvio depois da deflagração (Plínio o jovem, 2019, p. 106).

Na poesia didascálica-didática sobre as “estrelas negras”, Levi teceu uma reflexão moral. Em uma primeira leitura, dir-se-ia que se trata de uma solene abstração da desesperada solidão do homem no cosmos. Na realidade, ocorre em Levi que os impulsos ou proclamações de resignação encontrem um desmentido no ritmo que os exprime e no material do qual são feitos os versos: versos quase sempre de uma mesma medida, talvez repetitiva, versos de consistência elástica e de juntas robustas, versos, em suma, por nenhum motivo resignados.

Será Calvino a cunhar, em março de 1985, o adjetivo “primoleviano” e a reconhecer a especificidade de uma voz já famosa em todo o mundo (Calvino, 1985; Belpoliti, 1995, p. 34)<sup>13</sup>. Poucos meses antes, em dezembro de 1984, também havia sido ele, juntamente com Umberto Eco e Natalia Ginzburg, a tecer algumas linhas de elogio para a sobrecapa de *The Periodic Table*, edição norte-americana de *A tabela periódica*<sup>14</sup>. Será exatamente essa tradução a desencadear uma significativa e ainda crescente difusão internacional da obra de Levi. As poucas linhas de Calvino, até o momento ainda não registradas em nenhuma bibliografia, terminam definindo Levi como “um dos mais importantes e dotados escritores do nosso tempo”. Para os fins do nosso argumento no qual os dois autores seguem lado a lado, conta mais o artigo de 1985, porque aqui Calvino indica que “o volume mais primolevianos de todos” é *A tabela periódica*<sup>15</sup>. É esse o livro a suscitar o adjetivo prestigioso, e talvez não se esteja cometendo um equívoco ao se levantar a hipótese que o título escolhido por Levi se deva também ao exemplo – ao precedente – de Calvino, que com *As Cósmicas* e ainda mais com *T = 0*, ousou com dois títulos que consistem em um neologismo e em uma fórmula matemática, arriscando muito em termos de comunicação e de vendas. Em 1975, Levi escolhe

13. Edição brasileira: Calvino (2016). N.T.

14. Não estão até o momento registradas na bibliografia de Calvino. Elas podem ser lidas (junto com os textos de Eco e Ginzburg, meros escritos de ocasião) na orelha da sobrecapa de Primo Levi (1984)

15. O volume sai pela Einaudi, tendo sido concluída a sua impressão em 12 de abril de 1975.

“A tabela periódica” ao invés de “A tábua dos elementos”, que seria um título mais concreto, mais simples, mais acessível à cultura média do seu público. Levi escolhe “tabela” e “periódica”, um par de palavras que indica uma ordem complexa e que, ao mesmo tempo, enuncia a regra que o governa. Com aquele substantivo e aquele adjetivo o título do livro mais primoleviano de Primo Levi se oferece como uma descrição e uma explicação do mundo, uma enunciação teórica que se traduz em uma práxis operativa (e narrativa).

Entre Calvino e Levi já se encontrava em curso uma corrida de revezamento de leituras e escrituras divididas. No mesmo período no qual a poesia de Levi *Estrelas negras* sai na edição limitada de *L'osteria di Brema* (publicada pela Scheiwiller com a data de final da impressão baseado em uma convenção – 25 de abril de 1975, trigésimo aniversário da Liberação<sup>16</sup> –, mas distribuída no mês de outubro), Calvino publica na edição de 07 de setembro de 1975 do “Corriere della Sera” o artigo *Os buracos negros* (Calvino, 1975, pp. 48-51)<sup>17</sup>. É um texto didascálico, exatamente como a poesia de Levi. É a voz do senhor Palomar a nos falar da nova descoberta no campo astrofísico, mas o artigo não será inserido no volume *Palomar* de 1983, livro que tomará forma mediante sucessivas subtrações e exclusões. Esse texto não será retomado também porque, como veremos logo a seguir, sobre o tema dos *black holes* Calvino tinha um outro projeto narrativo, que depois tomará uma direção diferente. Esse projeto será anunciado e ao mesmo tempo criptografado por meio de duas figuras sobre as quais o artigo se debruça: a explosão e a implosão. Transcrevo dois trechos; a parte final do segundo é a conclusão de *Os buracos negros*.

O senhor Palomar pensa sobretudo na força mística das novas imagens celestes (...)

Na nossa ideia de mundo a imagem da explosão foi fundamental: como imagem de catástrofe mas também de nascimento, de gênese. Seria necessário conseguir rastrear-lhe a história: talvez começando da pólvora, talvez até mesmo antes: certamente triunfou nesta nossa era, que vai das guerras napoleônicas à bomba de Hiroshima.

Cidadão de um universo em devir e em perpétua dilatação, o senhor Palomar sente a necessidade de fixar-se em pontos de permanência. Há anos seguia, nos livros de cosmologia teórica, a hipótese que para a leitosa rarefação das galáxias escapassem zonas de uma densidade tal a ponto de aprisionar até mesmo a própria luz, isto é, de atingir um modo de ser inteiramente *no interior* e nada *no exterior*.

.....

16. Referência à libertação da Itália das forças nazifascistas da Alemanha de Hitler e da República de Salò de Mussolini, ocorrida em 25 de abril de 1945. N.T.

17. Calvino, Italo. *I buchi neri*, in “Corriere della Sera”, 07 de setembro de 1975, depois em Belpoliti (1995, 48-51), citações nas pp. 49, 50, 51. Veja-se também *Al centro della ruota*, terceiro e último elemento do artigo *Un maremoto nel Pacifico*, in “Corriere della Sera”, 29 de outubro de 1975, depois em Belpoliti (1995, pp. 52-55, com citações nas pp. 54-55).

Não está excluído que agora comece a ser impor ao nosso inconsciente a imagem da implosão, como desmoronamento interior, como colapso centrípeto, mas também como concentração máxima das próprias faculdades, contração com absorção de força, focalização e identificação e firmeza interior: uma imagem que pode ser também ela de catástrofe, mas também de novo nascimento ou de permanência. Se for assim é um bom sinal, pensa o senhor Palomar.

No mesmo momento durante o qual se preparava a estreia do senhor do Palomar, Calvino havia considerado a possibilidade de fazê-lo acompanhar por um personagem antitético, para o qual não havia demorado a encontrar o nome apropriado:

A primeira ideia havia sido de criar dois personagens: o senhor Palomar e o senhor Mohole. O nome do primeiro vem do Mount Palomar, o famoso observatório astronômico californiano. O nome do segundo é de um projeto de perfuração da crosta terrestre que, se tivesse sido realizado, poderia ter chegado a profundidades jamais atingidas nas vísceras da terra. Os dois personagens deveriam ter se inclinado da seguinte forma: Palomar em direção ao alto, ao exterior, aos multiformes aspectos do universo, Mohole em direção ao que está embaixo, ao obscuro, aos abismos interiores. Me propunha de escrever diálogos baseados no contraste entre os dois personagens, um que vê os fatos mínimos da vida cotidiana em uma perspectiva cósmica, o outro que se preocupa somente em descobrir que coisa há no fundo e diz só verdades desagradáveis<sup>18</sup>.

*Os buracos negros*, destinado a não ser retomado em *Palomar*, é o texto que com maior fidelidade documenta a sua ideia originária. Esse artigo é um diálogo implícito que, porém, não é desenvolvido e nem declarado como tal: Mohole não aparece, e, assim, o senhor Palomar se limita a dialogar consigo mesmo e a emparelhar as duas figuras contrapostas da explosão e da implosão.

Nem mesmo na sequência o projeto Palomar-Mohole se realizará. Restam-lhe poucos trechos inéditos, reunidos no terceiro “Meridiano” dos *Romanzi e racconti* [*Romances e contos*]<sup>19</sup>. Um desses, um diálogo composto em agosto de 1983 (*Palomar* sairá pela Einaudi em novembro: somente no último momento, então, Calvino abandona a ideia do par antitético), se intitula *A implosão*. É um título a ser recordado, porque retornará em breve, assim como neste diálogo inédito retorna uma grande parte do artigo *Os buracos negros*. É útil voltar às últimas linhas de *A implosão*. O senhor Palomar está divagando sobre um universo em ciclo contínuo, no qual se seguem fases de explosão (*Big Bang* e sucessiva expansão) e de implosão (contração da matéria rumo a universo engolido por um único *black hole*), mas o senhor Mohole lhe tira a palavra da boca.

18. Apresentação inédita de *Palomar*, quatro folhas datilografadas, 1983, in Calvino (1992, pp. 1402-5, p. 1402), nas *Note e notizie sui testi* de Mario Barenghi (ao que se referiu está no início).

19. Mais precisamente em Calvino (1994, pp. 1164-72), na seção *Dall'officina di «Palomar» (1977-83)*. Vê-se também as notas sobre os textos de autoria de Mario Barenghi (Calvino, 1994, pp. 1346-47. O trecho de *L'implosione* referido mais adiante está na p. 1173.

- Não me importa o seu universo. A catástrofe é o nosso habitat de sempre, a história é só a passagem de uma catástrofe a outra. Tento entender somente que coisa significa para mim a implosão: crise centrípeta, introversão focalizada, identificação com um si mesmo imutável, autossuficiência incomunicável...

- Mas também concentração das próprias faculdades, absorção de forças, estabilidade e densidade interior...

- Quando disse o pior, só se pode dizer: tudo já existe.

A última fala de Mohole é brusca e sibilina. Palomar associa ao implodir – e o propõe a Mohole – qualidades que poderiam ser tidas como positivas, mas o outro lhe rebate que são especificações ulteriores do pior. Nesta situação, com este ricochete dialógico desenredado dentro da sua cabeça, é na realidade Calvino em pessoa que está exprimindo (e ao mesmo tempo está colocando em dúvida) a relação com o mundo que manteve por grande parte de sua vida, baseado na recusa da efusão. Desta linha de conduta conhecemos a sua origem geográfica, moral e ideológica. Calvino é um intelectual laico de ascendências lígures e piemontesas, que ainda nos anos setenta continua a ter Gramsci, Gobetti, Montale e Pavese entre os seus modelos.

Uma parte de si mesmo Calvino decidiu por preservar, exercitando uma fortíssima compressão gravitacional, no *black hole* da própria interioridade, vigiando para que nenhuma lâmina de luz cruzasse o seu “horizonte dos eventos”, isto é, os confins daquele *black hole*.

Quem, como Calvino e Primo Levi, sobreviveu a uma guerra, a uma guerra civil, a um campo de extermínio, continua a sentir sobre si por toda a vida o peso da responsabilidade de ter sobrevivido, sobretudo, se possui uma ossatura moral similar a deles. Seja Calvino, seja Levi, se sentem no direito de justificar, sobretudo, perante si mesmos, o simples fato de existir. Não é moralismo barato nem edificante registrar que, para um e outro, a obstinação de fazer as coisas da melhor forma possível, de dar uma forma precisa à própria escrita, significa não somente lutar contra a entropia do universo – contra o seu colapso em um único, definitivo *black hole* – mas lutar, antes de tudo, contra si mesmo. No verão de 1984, Calvino escreverá um conto cosmiômico, o último da série, intitulado *A implosão*, exatamente como o diálogo Palomar-Mohole que escrevera um ano antes decidindo de mantê-lo inédito e do qual tirará várias passagens para a cosmiômica. Antes, porém, de olhar esta segunda e definitiva *Implosão*, devemos retornar a Levi, que em 1981 também reutiliza um texto que o havia inspirado antes.

Em 1980, Giulio Bollati, à época diretor editorial da Einaudi, propõe a alguns escritores italianos – Calvino, Levi, Sciascia e Volponi – construir uma antologia das leituras que haviam sido essenciais para as suas formações, apresentando-as e comentando-as uma por uma. Os destinatários seriam os estudantes do ensino médio.

É quase certo que a ideia de Bollati tem origem em um trabalho desenvolvido por ele em 1968; a organização, exatamente pela Einaudi, da *Crestomazia italiana* da prosa compilada em 1827 por Leopardi.

Dentre os escritores interpelados, Levi é o único a entregar o trabalho com grande rapidez, mas a sua antologia acaba sendo superdimensionada para um livro para estudantes. Não que o todo seja difícil demais, mas é tão rico e multifacetado (“Trinta autores extraídos de trinta séculos de mensagens escritas, literárias ou não”)<sup>20</sup> (Levi, 1981, VII-IX; X; 2016: 6, 8)<sup>21</sup>, tão parecido com o autor (“estranhamente, me senti mais exposto ao público, mais desnudo, ao fazer essa seleção do que ao escrever os meus próprios livros”), a ponto de sugerir que se destine para todo o público, não somente para os rapazes das escolas. Na edição de 11 de junho de 1981 do jornal “la Repubblica”, Calvino faz a resenha de *La ricerca delle radici. Antologia personale*, descrevendo-lhe com precisão a sua estrutura.

A página mais importante do livro é um gráfico posto no início para “sugerir quatro possíveis itinerários através de alguns dos autores em cada campo (in campo)”. O esquema tem a forma de uma elipse ou de um esferoide e tem, em um polo, o *Livro de Jó* que (na tradução de Ceronetti) abre a antologia: o drama do “justo oprimido pela injustiça” é o ponto do qual partem as primeiras perguntas. (Diria que é exatamente a experiência de Jó na abertura desta “busca das raízes” a nos recordar que o itinerário de Primo Levi passa pelo campo de Auschwitz). O polo oposto da elipse ou do esferoide não é menos denso de negatividade: são os “buracos negros” (aqui o texto escolhido é um artigo da “Scientific American”) a nos recordar que no “céu não há Campos Elísios, mas matéria e luzes distorcidas, comprimidas, dilatadas, rarefeitas em uma medida que supera a dos nossos sentidos e da nossa linguagem”<sup>22</sup>.

O artigo da “Scientific American” que Levi inclui na *Ricerca é aquele mesmo de Kip S. Thorne que, logo após ter sido lido, lhe havia inspirado Estrelas negras*. Levi o apresenta com um breve texto chamado *Estamos sós*.

*Estamos sós. Se temos interlocutores, estes estão tão longe que, salvo guinadas imprevisíveis, com eles jamais falaremos (...)* Todo ano que passa nos deixa mais sós: não somente o homem não é o centro do universo, mas o universo não é feito para o homem, é hostil, violento, estranho (...) a cada ano que passa, enquanto as coisas terrestres se emaranham cada vez mais, as coisas do céu tornam mais árduo o seu desafio: o céu não é simples, mas tampouco impermeável a nossa mente, e espera ser decifrado. A miséria do homem tem uma outra face, que é de nobreza; talvez .....

20. Levi, P. 1981, pp. VII-XII, citações das páginas VIII-IX e X; depois in Levi, 2016b, pp. 5-10 (citações das pp. 6 e 8). Vê-se também a nota ao texto de Marco Belpoliti, in Levi 2016b, pp. 1785-90.

21. Veja-se também a nota de Marco Belpoliti sobre o texto (Belpoliti, 2016: pp. 1785-90).

22. Calvino (1981), depois como *Primo Levi*, “*La ricerca delle radici*” (Calvino, 1995, pp. 1133-37), com citações das p. 1134 e, mais adiante, das pp. 1134-35. Nesse artigo, Calvino faz a resenha também da antologia para o ensino médio, *La Vita*, de Clorinda Gallo e Natalia Ginzburg (Istituto Geografico De Agostini, Novara 1981, em três volumes). Em *Ricerca delle radici* as passagens citadas por Calvino se encontram em Levi 1981, pp. XII, 5 e 229, em Levi 2016b, pp. 10, 13 e 229.

existamos por acaso, talvez sejamos a única ilha de inteligência no universo, certamente somos inconcebivelmente pequenos, débeis e sós, mas se a mente humana concebeu os buracos negros, e ousa criar silogismos sobre o que ocorreu nos primeiros átomos da criação, por que não deveria saber debelar o medo, a carestia e a dor? (Levi, 1981, p. 229; 2016b, p. 229)

O constatar e declarar a solidão do homem no universo não induz Levi ao desespero. Em seu texto introdutório, dois adjetivos em três são os mesmos da poesia que havia escrito sete anos antes: em *Estrelas negras* o universo é “cego, violento e estranho”, aqui é “hostil, violento, estranho”. Levi é inquilino de um universo onde no adjetivo *estranho* se atam o sentido figurado do paradoxal e o etimológico do estranho.

Na sua resenha, Calvino descreve as linhas que percorrem o gráfico de Levi: “Quatro meridianos, quatro linhas de resistência contra todo e qualquer desespero, quatro respostas que definem o seu estoicismo”. São, da esquerda para a direita: “a salvação pelo riso”; “o homem sofre injustamente”, “estatura do homem”, a “salvação pelo entendimento”. Nas partes extremas, observa Calvino, temos o riso e o entendimento, que são os dois caminhos efetivos rumo a uma salvação (Levi escreve sempre “salvação”, não “redenção”): é um processo longo e difícil que exige atenção contínua, como a busca pelo não-inferno no final das *Cidades invisíveis*, enquanto as duas linhas intermediárias “mais que indicar uma solução ou salvação, implicam os comportamentos morais que podem ser-lhe o pressuposto”. Trata-se apenas do caso de sublinhar a estrutura simétrica do gráfico de Levi e a semelhança entre o seu temperamento e o de Calvino.

No verão de 1984, entre o *Ferragosto*<sup>23</sup> e os primeiros dias de setembro, Calvino escreve na sua casa de veraneio em Roccamare dois contos destinados a serem reunidos no volume *Cosmicômicas velhas e novas*. Nesse período, Calvino gostaria, em vista de uma reimpressão de toda a sua produção cosmicômica pela sua nova editora, a Garzanti, acrescentar cinco ou seis novas histórias, “de modo a integrar e equilibrar as várias partes atualizando-as a partir das principais novidades astronômicas dos últimos anos: quasares, buracos negros etc” (Calvino, 1984; 1992, p. 1482; 2023, p. 994)<sup>24</sup>. Os prazos editoriais muito rigorosos fazem com que o projeto fique mutilado; as únicas novidades do livro serão dois contos de verão, *O nada e o pouco* e *A implosão*, de polaridades opostas: *O nada e o pouco* é um mito de fundação, *A implosão* é uma fantasia escatológica<sup>25</sup>.

.....  
23. Feriado de 15 de agosto na Itália, e que representa o auge do verão (N. T.)

24. A *Lettera a Piero Gielli* está reproduzida parcialmente em (Calvino, 1994) e integralmente em (Calvino, 2023, pp. 994-95). [Texto do tradutor com modificações em relação ao original, tendo em vista a necessidade de adequação às normas da revista]

25. Calvino escreve a cosmicômica *O nada e o pouco* entre 14 e 21 de agosto de 1984; o conto é publicado na edição de “la Repubblica” de 2-3 de setembro de 1984 e é incorporado em *Cosmicomiche vecchie e nuove*, impresso pela editora Garzanti em novembro de 1984; o conto pode ser lido agora em Calvino (1992, pp. 1259-67). *A implosão*, escrita em 03 e 04 de setembro de 1984, sai novamente no jornal “la Repubblica” na edição de 11 de setembro, para depois ser incorporada no volume da Garzanti e no acima citado vol. II dos *Racconti e romanzi*, (Calvino, 1992, pp. 1268-72). Sobre os dois contos remete-se também às notas de Claudio Milanini, (Calvino, 1992, pp. 1473-75).

*O nada e o pouco* retorna aos lugares de *Tudo num ponto*, ou melhor, aos seus tempos. Se naquele conto das primeiras *Cosmicômicas* o *Big Bang* era narrado segundo uma perspectiva espacial, de expansão volumétrica, desta vez Calvino se propõe imaginar o início do tempo, o átimo infinitesimal que deu origem a tudo: mas realmente a tudo? Nos vinte anos que se passaram desde então, o universo – ou, ao menos, o universo de Calvino – se transformou. Desapareceram para sempre as florescentes senhoras Ph(i)Nk0 que tinham vontade de cozinhar tagliatelle a não mais poder para os seus rapazes. Neste caos de neutrinos, de léptons e de uma outra miríade de partículas elementares ou pseudo-tais, o eterno QfwfQ – e ele também reaparece em estado de partícula, em uma condição de dúvida existência e em um cosmo ao seu redor indeciso entre ser e não ser – descobre em torno de si nada mais do que presenças “dotadas de cargas propulsoras complementares às minhas; uma delas, sobretudo, atraiu minha atenção: ativa e reservada, delimitava à sua volta um campo de forças de contornos longilíneos e desconjuntados” (Calvino, 2023b, p. 345)<sup>26</sup>.

As aflições amorosas começavam. QfwfQ pode se esforçar o quanto quiser para exibir perante Nugkta (é como ela se chama, e é uma partícula feminina) a riqueza do universo recém-nascido, e exagerando-a de todos os modos. Nugkta se mantém indiferente e desdenhosa, e logo se descobrirá que a única coisa pela qual tem admiração é o nada; “Sua desestima não era dirigida a mim, e sim ao universo. Tudo o que existia carregava em si um defeito de origem: o ser lhe parecia uma degeneração aviltante e vulgar do não ser” (Calvino, 2023b, p. 346). QfwfQ fica transtornado, mas rapidamente se adapta: ei-lo já a declamar para Nugkta: “Oh, se pudéssemos nos perder nos campos infinitos do nada...”, sacrificando ao inexistente com a mesma impetuosidade demonstrada ao glorificar o todo. Mas também assim não dá, imagine... QfwfQ deve ainda aprender o verdadeiro ensinamento de Nugkta: é verdade que o universo é um “fato de pouca importância, pouca coisa juntada às margens do nada” (Calvino, 2023b, p. 348), mas justamente por isso merece apoio e simpatia. Sobretudo, porém, é necessário chegar a entender – e parece o enunciado de uma máxima taoísta ou de um pensamento de Pascal – que: “com o nada não podíamos ter outro contato a não ser por meio daquele pouco que o nada havia produzido como quintessência da sua inabilidade: do nada não tínhamos outra imagem a não ser o nosso pobre universo” (Calvino 2023b, pp. 348-349).

Moral da história, e conclusão da nova cosmicômica:

O que está contido no espaço e no tempo nada mais é do que o pouco, gerado pelo nada, o pouco que existe e que poderia até não existir, ou ser ainda mais exíguo, mais mirrado e deteriorável. Se preferirmos não falar disso, nem mal nem bem, é porque poderíamos dizer apenas isto: pobre delgado universo filho do nada, tudo o que somos e fazemos se parece com você. (Calvino, 2023b, p. 349)

.....

26. Todas as citações de *As Cosmicômicas* foram feitas a partir da edição brasileira, em tradução feita por Roberta Barni. (N.T.)

Da forma como o encontramos definido nesse conto, o “pouco” aparece pela primeira vez na obra de Calvino em 1980, no final de um ensaio sobre Giorgio Caproni: “O segredo que Caproni nos comunica não é a experiência do nada, que é comum a tantas partes da poesia moderna; ele nos mostra isto a que o nada se contrapõe não é o tudo: é o pouco” (Calvino, 1980; 1995, pp. 1026-27). Quanto à figura da implosão, essa percorre um longo caminho, ainda que pouco visível antes de manifestar-se na segunda cosmicômica do verão de 1984. Podemos vê-la aparecendo de maneira fugaz no final de uma cosmicômica de ambiente doméstico (*Enquanto o sol durar*, de setembro de 1964, reunida em *La memoria del mondo*)<sup>27</sup>, mas virá a tona somente no conto de T=0 intitulado *Os cristais*<sup>28</sup>.

Em mim, a ideia de um mundo absolutamente regular, simétrico, metódico, associa-se a esse primeiro ímpeto e vigor da natureza, à tensão amorosa, ao que vocês chamam de Eros, ao passo que todas as suas outras imagens, as que na sua opinião associam a paixão e a desordem, o amor e o transbordar exagerado – rio fogo vórtice vulcão –, para mim são as recordações do nada e da inapetência e do tédio. (Calvino, 2023, p. 178)

Este que está falando é um QfwfQ que é já um senhor Mohole: aborrecimento perante toda e qualquer coisa que se derrame e se expanda, elogio da discrição e do concentrar sobre si qualquer pico de energia. Aquela que será a parte positiva e propositiva de *Implosão* já tomara forma, e remete, entre outras coisas, à ética literária da *contrainte* que motivou a adesão de Calvino ao Oulipo. Mas esta última cosmicômica nasce também de uma importante premissa científica, a entrada nos estudos cosmológicos de conceitos termodinâmicos de “flecha do tempo”, “entropia” e “morte térmica” do universo. A partir dos anos setenta, a perspectiva final de um universo reduzido a um caos informe de partículas está presente em todas as obras de Calvino e se permite decifrar, por exemplo, na série das “cidadãs contínuas”, que soldam a superfície do nosso planeta em uma fundição de asfalto.

Observando melhor, *O nada e o pouco* e *A implosão* dizem, de modos diversos, a mesma coisa, ou as duas metades de uma mesma coisa: que é necessário retirar-se em si para retardar a entropia universal, ou seja, para afastar o momento no qual o “pouco” da vida e da literatura se dissolverão no nada. Em particular, o título *O nada e o pouco* poderia ser lido também como enunciação do duplo vínculo ao qual Calvino se submeteu ao longo de sua carreira de escritor: do eu não se fala por causa de um antigo veto, enquanto do mundo se falará pouco, comunicando aquele pouco que se chega a extrair da sua superfície.

27. A primeira versão de *Enquanto o sol durar* é de 04-07 de setembro de 1964. Sai em “Il Giorno”, edição de 18 de abril de 1965, com um desenho de Tullio Pericoli, para ser incorporada em 1968 em *La memoria del mondo e altre storie cosmicomiche* e em 1984 em *Cosmicomiche vecchie e nuove*, e depois in *Racconti e romanzi*, cit., vol. II cit., pp. 1224-31.

28. Escrita entre 04 e 11 de fevereiro de 1967, sai em “Il Giorno” na edição de 11 de abril de 1967, com um desenho de Tullio Pericoli, para depois ser incorporada em T=0 (1967) e em *Racconti e romanzi* (1994: pp. 248-56) com citações das pp. 250-51.

Como já antecipado, a cosmiômica *A implosão* esboça o homônimo diálogo Palomar-Mohole de 1983, diálogo que, por sua vez, repropunha em grande parte o artigo sobre os buracos negros de 1975. Por esta razão, será supérflua uma leitura particularizada do texto; a história do tema “implosão” na obra de Calvino já disse aquilo que era útil saber. Por uma questão de completude, bastará acenar à paródia do diálogo de Hamlet que abre o conto (“Explodir ou implodir – disse QfwfQ – eis a questão”) (Calvino, 2023b, p. 351), assinalando que Calvino delineia uma possível alternativa, cosmológica e temperamental ao mesmo tempo, representada dos assim chamados *quasares* ou “buracos brancos”, os hipotéticos pontos do espaço-tempo que expeliriam as enormes quantidades de energia fagocitadas por buracos negros em uma outra zona do universo. Os buracos negros repropõem a QfwfQ, pela última vez, a tentação de explodir, de derramar-se, de sair de si mesmo, mas ele não se deixará seduzir: “Continuo cavando em meu buraco, em minha toca de toupeira” (Calvino, 2023b, p. 354)

Às duas cosmiômicas do verão de 1984, escrita um ano antes do falecimento de Calvino, cabe involuntariamente um destino “*triste, solitario y final*”<sup>29</sup>. Mas se pode também rastrear uma linha diferente deste destino. No verão de 1985, o último trabalho que Calvino consegue completar é uma tradução, para a qual pede a Primo Levi que lhe dê uma mão. A carta enviada por ele da sua casa de férias na Pineta di Roccamare é datada de 10 de agosto de 1985 (Calvino 2023a, p. 1009).

Caro Primo,

Te escrevo para te pedir um favor, e também desta vez se trata de Queneau, para o qual precisaria novamente da sua gentil e competente ajuda.

O editor Scheiwiller, como um presente a ser oferecido pela Montedison, quer preparar uma tradução minha [con mia traduzione a fronte] de *Le chant du Styrene*, de Queneau.<sup>30</sup> Eu aceitei e tentei, mas, para ter sucesso, deveria saber um pouco mais sobre a fabricação de objetos de plástico e, sobretudo, dispor da terminologia técnica italiana. Há toda uma parte da qual não entendo nada: *tamis, jonc, filière, boudin*.

*Le chant du Styrene* foi escrito por Q. em 1957 como trabalho encomendado pela Pechiney, para servir de comentário falado de um documentário de Alain Resnais sobre a produção de poliestireno. Está escrito da mesma maneira como a *Petite cosmogonie*, da qual se pode considerar um apêndice.

.....

29. Em espanhol no original. Muito provavelmente uma referência ao título do romance do escritor argentino Osvaldo Soriano. [N.T.]

30. Raymond Queneau, *Le chant du Styrene* (1957), in *Œuvres complètes*, org. Claude Debon, vol. I, Gallimard, Paris 1989, pp. 239-43. A versão italiana sairá em novembro de 1985 Raymond Queneau, *La canzone del polistirene tradotta da Italo Calvino*, com uma gravura di Fausto Melotti, Milão: Libri Scheiwiller 1985, depois como *La canzone del polistirene*, in Calvino (1994, pp. 1188-93), *Racconti* veja-se também as notas ao texto de Mario Barenghi (Calvino, 1994, pp. 1348-50),

Junto com a carta, Calvino enviou a Levi uma primeira versão da sua tradução, e Levi lhe telefona “muito divertido” assim que a recebe<sup>31</sup>. É este o espírito que têm em comum, e não há Jó ou senhor Mohole que deem conta, não há Auschwitz nem *black holes* capazes de sufocá-los. Calvino e Levi brincam sempre, e até mesmo com as coisas mais sérias, com as mais difíceis, as mais graves, e sem diminuí-las ou esvaziá-las da sua seriedade, dificuldade e gravidade.

Mas ocorre que até mesmo os textos, por sua vez, se ponham a brincar com quem os traduz e com quem ajuda a quem se mete a traduzi-los. Leiamos os primeiros versos, fulgurantes, da tradução de Calvino.

Tempo, aferra a tua fôrma, ò matéria plástica!

De onde vem? Quem és? Qual a história

Por trás de teus traços singulares? De que és feita?

Talvez baste recuar aos teus ancestrais

Vamos começar a aventura por trás. Observe o molde

Um protótipo misterioso...torna inefáveis

Uma variedade de objetos...como tigelas ou o que mais<sup>32</sup>

“Tempo, aferra a tua fôrma!” (Tempo, ferma le forme!) é um ataque peremptório como o original de Queneau, que che soava “*Ô temps, suspends ton bol*”. Uma solução para traduzi-lo lhe veio rapidamente; mas Calvino, não confiando totalmente nela, na carta de 10 de agosto interpelou Primo Levi sobretudo sobre este início:

Sobre o *bol* do primeiro verso eu tinha esperança que fosse um *bolo* de matéria plástica para poder conservar o ataque “*Tempo, sospendi il bolo*”. Mas eu temo que não seja outra coisa que um *bol en plastique*, uma tigela como exemplo de produto em série. Eu recorrei a um jogo de assonâncias salvando só o ritmo do verso (Calvino, 2023a, p. 1009).

Calvino fez realmente bem ao renunciar ao molde de “*Ô temps! suspends ton vol*” (sim, paródia de Lamartine: da ode *Le Lac*, 1817)<sup>33</sup>, porque o documentário de Resnais enquadra, em bons vinte e um segundos, em sincronia com os primeiros versos de

.....

31. É o próprio Calvino a recordar deste detalhe em sua carta a Vanni Scheiwiller de 23 de agosto de 1985, in Calvino (2023a, p. 1011)

32. A tradução de Calvino foi, por sua vez, traduzida para o português por Irma Caputo, a quem agradeço imensamente. (N. T.)

33. Alphonse de Lamartine, *Le Lac* (1817, da *Méditations Poétiques*, 1820), in *Œuvres poétiques*, org. Marius-François Guyard, Gallimard, Paris 1963, pp. 38-40, na p. 39.

Queneau solenemente declamados, uma tigela de plástico de cor vermelho-fogo que campeia em solidão e fica maior a cada instante, suspensa no meio do ar contra um pano de fundo negro<sup>34</sup>.

Por duas vezes, no início daquela carta de 10 de agosto, Calvino diz a Levi “também desta vez”, com referência a Queneau e a questões técnicas a serem desatadas. Já a partir de 1977, de fato, em sociedade com Sérgio Solmi,<sup>35</sup> Calvino se lançava na empreitada de traduzir as *Petite cosmogonie portative* [*Pequena cosmogonia portátil*] de Queneau<sup>36</sup>, poema que corresponde plenamente ao seu título, poema em versos alexandrinos e, como o *De rerum natura*, dividido em seis cantos. Nos seus 1388 versos os pontos de dúvida ou obscuros são inúmeros: resolvê-los é um tormento e uma diversão.

Na tradução de Solmi (que, falecido em 07 de outubro de 1981, não chega a ter tempo de vê-la impressa), a *Piccola cosmogonia portatile* sai pela Einaudi nos primeiros dias de janeiro de 1982, com uma *Piccola guida alla Piccola cosmogonia* [*Pequeno guia para a Pequena Cosmogonia*] assinada por Calvino, que, para estendê-la, também interpelou Primo Levi. Eles se encontram no final de junho de 1981 em Rhêmes-Notre-Dame, no Valle d’Aosta, onde todos os anos Giulio Einaudi reunia os seus autores, redatores e conselheiros para trocar ideias e discutir o programa editorial do ano seguinte. Levi, que está na sua segunda e última participação nesses encontros (a primeira havia sido em 1978), se recorda assim em janeiro de 1986, poucos meses antes do falecimento de Calvino, daqueles dias:

Com felicidade, de forma divertida devo dizer, trabalhamos na montanha, em Rhêmes-Notre-Dame, Calvino e eu (na verdade, éramos em três, porque também havia um gato: havia um gatinho em cima da mesa, sobre os manuscritos de Solmi, que nos ajudava como podia, tentando virar as páginas de quando em quando com a patinha). Era um jogo, mas um jogo grande e belíssimo, um jogo no qual Calvino era um mestre, isto é, no exprimir tudo quanto era possível da palavra, de fazer dela um instrumento de penetração (Levi, 2016b, pp. 1681-82)<sup>37</sup>.

34. *Styrène*, de Alain Resnais (1958) está online: <<https://www.youtube.com/watch?v=wfc6PERINn0>>. O *bol en plastique* permanece enquadrado do minuto 1’54” ao minuto 2’15”.

35. Vê-se a carta de Calvino a Solmi de 06 de outubro de 1977 in *Lettere*, cit., p. 883 e as cartas subsequentes ao mesmo destinatário.

36. Queneau, *Piccola cosmogonia portatile*, trad. it. Sergio Solmi, Turim: Einaudi, (03 janeiro) 1982, com uma *Piccola guida alla Piccola cosmogonia* de Italo Calvino (1978-1981), pp. 145-83. Em 28 de fevereiro de 1982, Primo Levi faz a resenha do livro in “La Stampa”: *Queneau, l’universo in mille enigmi*, e depois como *La “Cosmogonia” di Queneau* in Levi (1985), depois in Levi (2016b, pp. 918-21) [em português: “A Cosmogonia de Queneau” in *O ofício alheio*. São Paulo: Editora da UNESP, 2016, p. 175-180] O texto original da *Petite cosmogonie portative* (1950) lê-se no já citado volume das *Œuvres complètes* de Queneau, pp. 197-238.

37. Levi, *Calvino, Queneau e le Scienze*, discurso feito em Milano em 29 de janeiro de 1986 para a apresentação do volume *La canzone del polistirene*.

O episódio do gatinho é sublime, pela delicadeza e pelo divertimento com o qual Primo Levi o narra, mas em sua recordação há uma outra frase extraordinária: “Diria que uma definição concisa do estilo de Calvino consista em sua recusa dos esquemas que coincidia com uma portentosa capacidade de criar novos” (Levi, 2016b, p. 1682). Para apreciar todo o seu alcance deve-se retornar ao tempo no qual esta história dos buracos negros começou, ou estava para começar.

Em 1970 sai *Le hasard et la necessite* [O acaso e a necessidade] de Jacques Monod<sup>38</sup>. O sucesso em nível internacional é imediato. Na Itália também *Il caso e la necessità* é lido por muitos escritores, dentre os quais Calvino e Primo Levi. Nascido em 1910, professor de Biologia Molecular no Collège de France, ex-partigiano, amigo e companheiro de luta de Camus, Nobel de Medicina de 1965, Monod escreve um breve livro de divulgação que, por um lado, sintetiza as descobertas dos últimos decênios no campo biológico, e que na parte conclusiva lhes tira as consequências morais, filosóficas e políticas. *Le hasard et la nécessité* (a síntese que se segue é de Calvino, e mais adiante indicarei a sua proveniência) consiste

(...) numa afirmação ativa e desencantada da solidão do homem, estrangeiro no universo. Nenhuma lei da natureza poderia ter previsto a origem da vida nem a cadeia dos acontecimentos evolutivos extremamente “improváveis” que conduziriam até o homem; mas os caminhos abertos pelo acaso – indiferente a qualquer finalidade – correm entre as férreas paredes da necessidade física e biológica, também ela indiferente a quem se aproveita disso ou sofre algum dano, Daí a atitude de trágica dignidade necessária ao enfrentamento da queda de um antropocentrismo que não era mais que ilusão quanto à absoluta marginalidade que é nosso lugar entre as coisas. Monod escrevia: “A antiga aliança se rompeu: o homem finalmente sabe que está só na imensidão indiferente do universo, do qual emergiu por acaso” (Calvino, 2015, p. 250)<sup>39</sup>.

No princípio dos anos setenta, tanto os progressos da biologia quanto aqueles da astrofísica estão de acordo ao registrar a solidão da espécie humana no universo e a sua irrelevância respectiva ao mesmo. Não a toa, o último capítulo da “Antologia pessoal” de Levi em *La ricerca delle radici*, que apresenta as últimas descobertas sobre os buracos negros, se intitula *Siamo soli* (“Estamos sós”) e é aberta com uma afirmação sugestiva: “Está em curso a maior das revoluções culturais: e conduzem-na os astrofísicos” (Levi, 1981, p. 229; 2016b, p. 229). A sentença “Estamos sós” abre o segundo parágrafo da apresentação e produz um brusco salto conceitual: é uma síntese motivada precisamente pela convergência entre as pesquisas científicas em dois campos

38. Jacques Monod, *Le hasard et la nécessité. Essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne*, Seuil, Paris 1970; tradução para o italiano de Anna Busi: *Il caso e la necessità. Saggio sulla filosofia naturale della biologia contemporanea*, Mondadori, Milão 1970. [Edição brasileira – MONOD, Jacques. *O acaso e a necessidade*. Petrópolis: Vozes, 2006 – N.T.]

39. A tradução é de Calvino, a passagem correspondente está nas pp. 194-95 da edição original: “L’ancienne alliance est rompue; l’homme sait enfin qu’il est seul dans l’immensité indifférente de l’Univers d’où il a émergé par hasard”.

bastante diversos. O autor de *Siamo soli* é alguém que, alguns anos antes de ler o artigo da “Scientific American” sobre os *black holes*, havia lido *Le hasard et la nécessité*.

Quanto a Calvino, uma dezena de anos depois de ter lido o livro de Monod, lerá o tratado que o físico Ilya Prigogine, russo radicado na Bélgica e Nobel de Química de 1977, escreveu junto com Isabelle Stengers, filósofa e química que trabalha com ele em Bruxelas. Já no título e no subtítulo – *La Nouvelle Alliance. Métamorphose de la science* [A nova aliança, *Metamorfose da ciência*]<sup>40</sup> – o livro é uma *réplica* a Monod, morto em 1976, mas veremos logo que não é somente isso. Em 03 de maio de 1980 Calvino faz uma resenha de *La Nouvelle Alliance* para o jornal “la Repubblica”, começando exatamente com uma síntese do livro de Monod: é exatamente aquela que transcrevi logo acima.

Antes de continuar a ler a resenha de Calvino sobre o livro de Prigogine e Stengers, vamos nos deter por um momento. Iremos apreciar melhor a sua entonação à luz de um texto seu de alguns anos antes: intitula-se *Ultime notizie sul tempo* [Últimas notícias sobre o tempo], publicado em 25 de maio de 1976 no “Corriere della Sera” e é uma meditação de Palomar que não será incluída no volume homônimo. Toda vez que lhe calha de ler um artigo científico que lhe apresenta um novo modelo de universo, o senhor Palomar

Não pretende se pronunciar sobre a maior ou menor plausibilidade de uma ou outra hipótese, nem se arrisca a demonstrar preferências. Não importa como andam as coisas, ele do universo não espera nada de bom. É por isto que sente a necessidade de ficar de olho nele (Calvino, 1976; 1995, p. 2012)<sup>41</sup>.

Com a resenha sobre Prigogine e Stengers de repente se sai do cone de sombra desse pessimismo, dessa desconfiança cautelosa. A leitura de *Nouvelle Alliance* induz Calvino-Palomar a mudar de ideia, ou melhor, a testar no lugar de um modelo frágil de universo, um novo, ou mais, um inaudito modelo.

A visão de Monod não é corrigida em seus pressupostos, mas em suas perspectivas: “a irreversibilidade é criadora de ordem, fonte de organização”; portanto, o mundo macroscópico e humano não deve ser visto como uma exceção marginal no universo do imensamente grande e do imensamente pequeno. Nesse sentido se pode estabelecer o que os autores denominam já no título de “a nova aliança” (Calvino, 2015, p.251)<sup>42</sup>.

.....

40. Edição brasileira: STENGERS, Isabelle; PRIGOGINE, Ilya. *A nova aliança*. Brasília: Editora da UnB, 1991. N.T.

41. Calvino, *Palomar e i modelli cosmologici* (1995, pp. 2009-12), como *Ultime notizie sul tempo. Collezionista di universi*, in “Corriere della Sera”, 23 de janeiro de 1976, depois em Calvino (1995).

42. Calvino, *Ilya Prigogine e Isabelle Stengers, “La nuova alleanza”* (como *No, non saremo soli*, in “la Repubblica”, 03 de maio de 1980), in Calvino (1995, pp. 2038-44, p. 2039). As citações subsequentes estão nas pp. 2042 e 2039. Ainda será Calvino a traduzir de *La Nouvelle Alliance*, e ambos os trechos estão na p. 22: “l’irréversibilité est source d’ordre, créatrice d’organisation”; “la découverte des processus d’organisation spontanée et des ‘structures dissipatives’”.

E aqui o resenhista aborda a disciplina que está no centro da obra de Prigogine e Stengers. E a aborda nas suas premissas:

“Nenhuma máquina térmica restituirá ao mundo o carvão que ela devorou”. A ciência do calor introduz no harmônico mundo newtoniano a flecha do tempo, a irreversibilidade, a perda. (...)

Entre a tecnologia e a cosmologia há apenas um passo, que será dado por Clausius em 1865, com o conceito de entropia. Precisamente quando as ciências biológicas e as ciências da sociedade e da cultura definiam uma evolução rumo à complexidade crescente e à amplificação das inovações, a termodinâmica prometia dissipações de energia, o caráter irreversível das condições iniciais, evolução rumo à desordem (Calvino, 2015, p. 254).

Reencontramos aqui, como já o fizéramos com Primo Levi, comunicação e entrelaçamento entre ciências diversas, e um horizonte de solidão universal. Ainda que o trecho transcrito seja uma revisão, o mesmo deixa ver que Calvino meditou longamente sobre esses temas, tanto mais encorajadora – liberatória – lhe parece a tese de fundo da *Nouvelle Alliance*.

A termodinâmica (da qual até ontem nos chegavam notícias da morte inelutável do universo, do triunfo da entropia, da degradação de toda energia em calor sem retorno), hoje, por meio da “descoberta dos processos de organização espontânea e das *estruturas dissipativas*” (a especialidade de Prigogine) declara-se capaz de nos explicar como as organizações mais complexas, isto é, as formas do mundo vivente, não são um acidente da natureza, mas se situam em sua linha-mestra, sobre o traçado do seu desenvolvimento mais lógico (Calvino, 2015, p. 251).

As “estruturas dissipativas” de Prigogine, que permitem vislumbrar uma nova aliança entre o homem e o cosmos, são *ilhas de ordem*: zonas mais ou menos amplas onde a entropia diminui, ao invés de aumentar.

Esse ponto das ilhas de ordem é um conceito que Calvino guarda com carinho, mas não o deve somente a Prigogine. Claude Lévi-Strauss já lho havia sugerido, em particular em *As estruturas elementares do parentesco* (1949) e *O pensamento selvagem* (1962). Lévi-Strauss falará dele, em síntese, em uma entrevista realizada três anos depois do falecimento de Calvino.

Jamais pretendi que se possa reduzir a totalidade das experiências humanas a modelos matemáticos (...) ao contrário, me parece que a vida social e a realidade empírica que a engloba, no plano do homem, pertencem ao domínio do aleatório (razão pela qual me curvo diante da história, que me coloca perante uma contingência insolúvel). Penso simplesmente que nesta vasta sopa empírica, se me é permitida a expressão, na qual reina a desordem, se formam aqui e lá algumas ilhas de organização. A minha história pessoal, as minhas escolhas científicas, me fizeram sim com que eu me interessasse mais por estas particularidades do que pelo resto (Lévi-Strauss; Eribon, 2005, p. 147).

Traduzindo para a sua linguagem de escritor as linguagens das ciências experimentais e das ciências humanas, Calvino identifica as ilhas de ordem com as formas literárias. Com a sua circunscrita dignidade formal, a obra literária é uma ilha de ordem que constrói uma represa contra a desordem universal, movendo-se em direção contrária à entropia. É a criação de “novos esquemas” evocada por Primo Levi na abertura, e sempre a ele se deve a melhor descrição de que coisa seja e de como funciona uma ilha de ordem. Encontra-se em *Carbono*, último conto da coletânea *A tabela periódica*, onde Levi a realiza baseando-se mais na biologia e na termodinâmica do que na química.

O átomo de carbono do qual Levi narra as aventuras havia apenas realizado o salto decisivo da química inorgânica para a química orgânica. Está envolvido pela matéria vivente, e neste momento faz parte de uma molécula de anidrido carbônico: foi expulso dos pulmões de um homem que subitamente precisou começar a correr. Por esta razão, o personagem carbono decaiu da energia química (se encontrava em uma molécula de glicose, ingerida por aquele homem em uma taça de vinho) para a energia mecânica (o CO<sub>2</sub> emitido por ele ao respirar). Aqui chega a síntese, fulgurante:

“Assim é a vida”, embora raramente ela seja assim descrita: uma inserção de si, uma derivação em vantagem própria, uma parasitação do caminho descendente da energia, desde sua nobre forma solar àquela degradada de calor a baixa temperatura. Neste caminho para baixo, que conduz ao equilíbrio, ou seja, à morte, a vida desenha um arco e nele se aninha (Levi, 1995, p. 230).

Em Primo Levi a ilha de ordem é o ensejo no qual a vida “se aninha”. Escrever a aventura de um átomo de carbono é um regresso ao seu desafio pessoal contra a solidão e irrelevância do homem no universo, condição da qual é bem consciente. Se este desafio consiste em um conto é porque nele, como em Calvino, dar forma a uma obra é mais um gesto ético do que estético. Para um e para outro, “estilo” significa *recusa dos esquemas que coincide com uma portentosa capacidade de criar outros, mas novos.* ●

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELPOLITI, M. (org). 1995. *Italo Calvino. Enciclopedia: arte, ciência e literatura*, “Riga”, 9, Milão: Marcos y Marcos, pp. 34-36.
- BELPOLITI, M. 2016. *Note ai testi*. In: Levi, P. *Opere complete*, cit. Vol.I, Turim: Einaudi.
- CALVINO, I. 1975. *I buchi neri*, in “Corriere della Sera”, 07 de setembro .
- CALVINO, I. 1980. *Il taciturno ciarlierio (per Giorgio Caproni) (como Nel cielo dei pipistrelli.)* in “la Repubblica”, 19 de dezembro.
- CALVINO, I. 1981. *Le quattro strade di Primo Levi*, in “la Repubblica”, 11 de Junho.
- CALVINO, I. 1985. *I due mestieri di Primo Levi*, in “la Repubblica”, 6 de março.
- CALVINO, I. 1992. *Romanzi e racconti*, edição dirigida por Claudio Milanini, org. Mario Barengi e Bruno Falcetto, vol. II, Milão: Mondadori.
- CALVINO, I. 1994. *Romanzi e racconti*, vol. III, Milão: Mondadori.
- CALVINO, I. 1995. *Saggi 1945-1985*, organização e introdução de Mario Barengi. Milão: Mondadori.
- CALVINO, I. 2016. *Os dois ofícios de Primo Levi*. In Levi, Primo. *O ofício alheio*. São Paulo: Editora UNESP.
- CALVINO, I. 2023a. *Lettera a Primo Levi*, 22 de novembro de 1961. *Lettere 1940-1985*. Org. Luca Baranelli, nova edição, Milão: Mondadori.
- CALVINO, I. 2023b. *Todas as cosmicômicas*. Tradução Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEVI, P. 1971. *Il fabbro di se stesso*, in *Vizio di forma*, Turim: Einaudi.
- LEVI, P. 1975. *Le stelle nere*, in *L'osteria di Brema*. Milão: Scheiwiller.
- LEVI, P. 1981. *Prefazione*, in *La ricerca delle radici. Antologia personale*, Torino: Einaudi, pp. vii-xii.
- LEVI, P. 1984a. *Le stelle nere*, in *Ad ora incerta*. Milão: Garzanti.
- LEVI, P. 1984b. *The Periodic Table*, trad. para o inglês de Raymond Rosenthal, Schocken Books, New York.
- LEVI, P. 1985. *L'altrui mestiere*. Turim: Einaudi.
- LEVI, P. 2005. *71 contos de Primo Levi*. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEVI, P. 2016a. *Opere complete*, org. Marco Belpoliti, vol. I, Turim: Einaudi.
- LEVI, P. 2016b. *Opere complete*, org. Marco Belpoliti, vol. II, Turim: Einaudi.
- LEVI, P. 2018. *Opere complete*, org. Marco Belpoliti, vol. III, *Conversazioni, interviste, dichiarazioni*. Turim: Einaudi.
- LEVI, P. 2019. *Mil sóis*. São Paulo: Todavia.
- LEVI, P. 2022. *Storie naturali*. Org. Domenico Scarpa e Martina Mengoni. Turim: Einaudi.
- LÉVI-STRAUSS, C.; ERIBON, D. 2005. *De perto e de longe*. São Paulo: Cosac-Naify.
- MACHIEDO, M. 1969. *Riječ će preživjeti. Razgovor s Primom Levijem* (“A palavra sobreviverá. Conversa com Primo Levi”), “Republika” (Zagreb), 1º. Janeiro, pp. 47-48.
- MALABAILA, D. (pseudônimo de Primo Levi). 1966. *Storie naturali*, Turim: Einaudi.
- PALADINI, C. 1987. *A colloquio con Primo Levi* (5 maggio 1986, In SORCINELLI, P. (org) *Lavoro, alienazione, criminalità mentale. Ricerche sulle Marche tra Otto e Novocento*. Ancona: Il lavoro editoriale.
- PLÍNIO IL GIOVANE, 2019. *Epistulae VI*, 16, in *50 lettere*, org. Giulio Vannini, Milão: Mondadori.
- SORCINELLI, P. (org.). 1987. *Lavoro, alienazione, criminalità mentale. Ricerche sulle Marche tra Otto e Novecento*, Ancona: il lavoro editoriale, pp. 147-59.
- THOMSON, I. 2002. *Primo Levi*, London: Hutchinson.
- ZARGANI, L. 2007. *Il sistema periodico*, entrevista com Primo Levi (1975), in “Lettera internazionale”, XXIII, 93, terceiro trimestre, p. 27.